

A FORMAÇÃO POLÍTICA COMO TOTALIDADE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES: A EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO SERRINHA

Wandick Nogueira Maciel¹
Hildemar Luiz Rech²

Resumo

Na crise estrutural do capital, iniciada na década de 1970, foi inaugurado o chamado capitalismo neoliberal, no cerne do qual o tema da formação política parece ter assumido destacada importância. Em sua radicalidade emancipatória, a formação política encontra-se inextricavelmente vinculada à luta dos movimentos sociais populares, atravessando, portanto, a totalidade das atividades desenvolvidas pelos sujeitos coletivos em movimento. O objetivo do artigo é tecer algumas considerações sobre o tema da formação política no interior dos movimentos sociais populares. Para tanto, lançaremos mão de uma pesquisa bibliográfica ancorada em alguns breves relatos de militantes colhidos através de entrevistas semiestruturadas, a partir do nosso trabalho militante no seio da luta social. Alguns desses relatos constituem igualmente resultados parciais da nossa pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). O título da pesquisa é: Práxis político-educativa do sujeito potencialmente revolucionário nas associações de moradores: a experiência da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE). O campo empírico da pesquisa é o território Serrinha, situado na periferia da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. O artigo encontra-se fundamentado nos pressupostos do materialismo dialético tal como formulado por Marx e Engels (2007). No artigo, a formação política, no interior dos movimentos sociais populares é compreendida como um fenômeno mais abrangente e mais denso complexamente articulado uma vez que atravessa a totalidade das atividades organizadas pelos sujeitos coletivos em movimento.

Palavras-chave: Crise estrutural do capital. Formação da classe trabalhadora. Práxis.

POLITICAL FORMATION AS A TOTALITY IN POPULAR SOCIAL MOVEMENTS: THE EXPERIENCE OF SERRINHA TERRITORY

Abstract

In the structural crisis of capital, which began in the 1970s, the so-called neoliberal capitalism was inaugurated, at the heart of which the theme of political formation seems to have assumed outstanding importance. In its emancipatory radicalism, political formation is inextricably linked to the struggle of popular social movements, thus crossing the totality of activities carried out by collective subjects in movement. The objective of the article is to make some considerations on the theme of political formation within popular social movements. For that, we will make use of a bibliographical research anchored in some brief reports of militants collected through semi-structured interviews, from our militant work in the heart of the social struggle. Some of these reports are also partial results of our master's research in the Postgraduate Program in Brazilian Education at the Federal University of Ceará (UFC). The title of the research is: Political-educational praxis of the potentially revolutionary subject in neighborhood associations: the experience of the Serrinha Neighborhood Residents Association (AMORBASE). The empirical field of research is the Serrinha territory, located on the outskirts of the city of Fortaleza, capital of the state of Ceará. The article is based on the assumptions of dialectical materialism as formulated by Marx and Engels (2007). In the article, political formation within popular social movements is understood as a broader and denser phenomenon, complexly articulated, as it crosses the totality of activities organized by collective subjects in movement.

Keywords: Political Formation. Totality. Popular social movements.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED-UFC. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8409-9674>. E-mail: wandicknogueira@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH da UNICAMP, SP, com estágio doutoral pela Universidade de Manchester, Inglaterra; Pesquisador e Professor no Departamento de Fundamentos da Educação e na Linha de Pesquisa de Filosofia e Sociologia da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED-UFC. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5825-1887>. E-mail: hluizrech@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Na crise estrutural do capital³, iniciada na década de 1970, foi inaugurado o chamado capitalismo neoliberal, no cerne do qual o tema da formação política parece ter assumido ainda mais importância no interior da práxis dos movimentos sociais populares e do conjunto das camadas sociais oprimidas. A nosso ver, tal fato parece estar fortemente enraizado nos dramas humanos que tal crise acabou por radicalizar na forma de uma crise sistêmica que tudo abrange. Pois, de acordo com Mészáros (2002), o sociometabolismo do capital é o mais totalizador da história.

Dentre os dramas humanos que podemos destacar, e que, certamente, revelam a gravidade da luta pela produção material da existência nesse novo contexto, diz respeito à precarização daquele tripé que, em alguma medida, contribuía efetivamente para o amplo processo de formação da classe trabalhadora. Tripé esse tendencialmente progressista que, em alguma medida, iluminava o que se convencionou denominar de Estado de bem-estar social⁴. Estamos diante da forma política assumida pelo capital no período pós Segunda Guerra Mundial. A principal característica dessa forma política foi os inegáveis ganhos sociais garantidos à classe trabalhadora. No entanto, é preciso destacar que o Estado de bem-estar social foi localizado em poucos países da Europa, atendendo tão somente a setores específicos do movimento operário (MÉSZÁROS, 2002).

Em termos mais concretos, podemos afirmar então que o tripé potencialmente progressista era sustentado por três elementos, quais sejam: a sociedade salarial, a escola liberal-democrática e, não menos importante, os instrumentos de participação política (pense-se nos combativos sindicatos do movimento operário).

Tudo muda com a crise estrutural do capital. Com efeito, a configuração daquele tripé tendencialmente progressista passou a ganhar novos contornos, de tal forma que agora os desafios consistem fundamentalmente em como enfrentar no devido tempo as mazelas do “desemprego estrutural” (MÉSZÁROS, 2002), da “escola neoliberal” (LAVAL, 2004), e da criminalização dos movimentos sociais populares e do conjunto dos oprimidos (ARROYO, 2019). Acrescente-se a isso a grave crise ambiental em curso, assentada na lógica da produção

³ Para uma compreensão mais aprofundada sobre os elementos que definem a crise estrutural do capital, ver especialmente Mészáros (2002).

⁴ Na periferia do capitalismo, a exemplo da América Latina, houve tão somente surtos de bem-estar social. Tais surtos, no entanto, só se tornaram realidade graças à luta dos trabalhadores e do conjunto dos oprimidos. No Brasil, a aprovação da Constituição de 1988 foi certamente um ponto alto da luta dos movimentos de esquerda e progressistas por um Estado de bem-estar capaz de atender efetivamente os interesses das maiorias sociais.

do valor de troca das mercadorias em detrimento do seu valor de uso. Em resumo, trata-se de uma crise sem precedentes que se insurge radical e profundamente contra a expansão liberal-democrática do capital (SOUSA JÚNIOR, 2010).

A atualidade do tema da formação política não ganha somente importância em função das desumanidades produzidas pelo sistema do capital; igualmente importante, para um trato adequado da problemática em foco, foram as respostas que historicamente foram dadas às desumanidades do capital pelo proletariado e suas organizações/movimentos, que resultaram num desconcertante “malogro histórico da esquerda” (MÉSZÁROS, 2002, p. 21) consubstanciado na incapacidade das forças sociais ligadas diretamente ao trabalho de pegar as coisas pela raiz.

Naturalmente, as questões anteriormente destacadas envolvem seguramente incursões em empreendimentos teóricos bastante sofisticados⁵. Com efeito, não podemos de forma alguma abdicar de todo o conhecimento acumulado historicamente pela humanidade. Certamente, tais teorias⁶ são de extrema relevância para o encaminhamento de um consistente programa de formação política no interior dos movimentos sociais populares e das camadas sociais oprimidas, que seja capaz de enfrentar efetivamente os desafios do tempo presente. Contudo, o acento do presente estudo está direcionado, ao amplo processo de formação política dos sujeitos coletivos em movimentos.

Em seu sentido emancipatório e verdadeiramente libertador, o tema da formação política vincula-se inextricavelmente à práxis dos movimentos sociais populares e do conjunto dos oprimidos, haja vista que é um fenômeno que atravessa a totalidade das atividades organizadas pelos sujeitos coletivos em movimento. Em resumo, estamos referindo-nos aos movimentos de rebelião que lutam por humanização (ARROYO, 2017; FREIRE, 2005; HOBBSAWN, 2015).

O objetivo deste artigo é tecer algumas considerações preliminares sobre o tema da formação política no interior dos movimentos sociais populares. Para tanto, lançaremos mão da pesquisa bibliográfica e de alguns breves relatos de militantes que foram colhidos por nós a partir da nossa práxis militante no seio da luta social. Alguns desses relatos, por sua vez,

⁵ O que nos provoca a refletir criticamente sobre o papel da escola no interior da materialidade do capitalismo dependente, a exemplo do Brasil. Com efeito, a materialidade do capitalismo dependente manifesta-se igualmente na materialidade da ação pedagógica. Nesse tocante, Saviani (2013) destaca alguns problemas que dificultam o trabalho pedagógico na escola, a saber, a ausência de um sistema de educação e, não menos importante, a descontinuidade das políticas no campo educacional. Consequentemente, somos obrigados a conviver com uma realidade educacional marcadamente assentada em altas taxas de analfabetismo.

⁶ Notadamente aquelas teorias que balizam o que Saviani (2013) denomina de conhecimento clássico. Para o fundador da pedagogia histórico-crítica clássico é o que resistiu ao tempo.

constituem alguns dos resultados parciais da nossa pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). O título da pesquisa é: Práxis político-educativa do sujeito potencialmente revolucionário nas associações de moradores: a experiência da Associação de moradores do bairro Serrinha (AMORBASE). O referente empírico da pesquisa é o território Serrinha, situado na periferia da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. No artigo, a formação política é compreendida como uma das dimensões da educação bem como um fenômeno mais abrangente que não se restringe tão somente àqueles momentos de estudos nos quais os movimentos sociais populares têm como objetivo principal o trabalho de internalização de conceitos e categorias pertencentes à uma determinada teoria (pense-se no marxismo).

1. TERRITÓRIO SERRINHA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Cumprido destacar inicialmente que compreendemos o território, bem como a periferia, como um emaranhado de formas de práxis conflitantes. Tal conflito informa de maneira bastante peculiar a virulência da luta de classes que vem moldando a imagem das metrópoles brasileiras na forma de desigualdades injustificáveis. Nesse sentido, território e periferia acolhem tanto os vetores que conformam os interesses das classes dominantes bem como os vetores potencialmente comprometidos com os processos de transformação social (SANTOS, 2008, p. 114).

O território Serrinha surge em meados dos anos de 1920, abrigando inicialmente moradores oriundos do interior, notadamente Quixadá e Sobral. O bairro em foco, faz parte da periferia de Fortaleza, capital do estado do Ceará, formando com mais oito bairros a Secretaria Regional VIII⁷. O território divide espaço com equipamentos de destacada importância para a cidade, a saber, o Aeroporto Internacional de Fortaleza, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Arena Castelão. Até o início da década de 1980 a Serrinha carecia de serviços básicos capazes de garantir minimamente uma vida digna aos seus moradores. Nesse tocante vale mencionar a ausência de políticas sociais efetivas, a exemplo do fornecimento de água, luz, coleta de lixo, escola, dentre outras. Em 1980, indignados com as condições materiais de existência que vivenciavam, alguns moradores decidiram lutar organizadamente pelos seus

⁷ Na década de 1990, notadamente na gestão do então prefeito Juraci Magalhães, Fortaleza foi dividida em seis secretarias regionais. Atualmente, são doze secretarias moldando o setor administrativo da cidade. O Prefeito Juraci Magalhães dirigiu a cidade por três mandatos (1991-1992, 1997-2004).

direitos e fundaram então a Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE). A AMORBASE foi a primeira associação de moradores do território mantendo-se ainda hoje atuante em defesa dos direitos sociais dos moradores. Em sua sede, localizada na R. Santiago nº 359, reúnem-se diversos movimentos sociais populares, a exemplo do Movimento Círculos Populares, coletivo fundado em 2017 presente em alguns territórios da periferia de Fortaleza.

2. MOVIMENTOS SOCIAIS: PRÁXIS POLÍTICO-EDUCATIVAS CONFLITANTES

Inicialmente é preciso destacar desde já que interessa-nos situar a problemática da formação política a partir do ponto de vista dos interesses dos setores populares, aqui compreendidos num sentido classista: como o conjunto dos proletários em sua diversidade. Foge ao objetivo desse trabalho enveredar pela armadilha da neutralidade, notadamente na forma de manifestação de ideias abstratas supostamente desencarnadas da prática social e, conseqüentemente, longe dos constrangimentos sociais do sistema produtor de mercadorias. “Porque o problema prático relevante permanece o mesmo, isto é, como resolver ‘através da luta’ o conflito fundamental relativo ao interesse estrutural de controle do metabolismo social como um todo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 12). Dito isto, a questão relacionada à objetividade do conhecimento emerge e de forma alguma encontra-se prejudicada no que tange ao seu comprometimento com o rigor da análise, como quer fazer crer o raciocínio positivista.

De acordo com Saviani (2013):

Em meu entender, é necessário, para desmontar o raciocínio positivista, evitar a armadilha, negar a premissa maior, isto é, demonstrar a falsidade do vínculo entre neutralidade e objetividade. Importa, pois, compreender que a questão da neutralidade (ou não neutralidade) é uma questão ideológica, isto é, diz respeito ao caráter interessado ou não do conhecimento, enquanto a objetividade (ou não objetividade) é uma questão gnosiológica, isto é, diz respeito à correspondência ou não do conhecimento com a realidade à qual se refere. Por aí se pode perceber que não existe conhecimento desinteressado; portanto, a neutralidade é impossível [...]. Com efeito, se existem interesses que se opõem à objetividade do conhecimento, há interesses que não só não se opõem como exigem essa objetividade. É nesse sentido que podemos afirmar que, na atual etapa histórica, os interesses da burguesia tendem cada vez mais a se opor à objetividade do conhecimento, encontrando cada vez mais dificuldades de se justificar racionalmente, ao passo que os interesses proletários exigem a objetividade e tendem cada vez mais a se expressar objetiva e racionalmente (p. 49-50).

Trata-se, evidentemente, de um ponto de vista fundamentado nas condições materiais, notadamente na materialidade estruturalmente assentada no antagonismo entre capital e trabalho que transforma algumas vidas em “vidas ameaçadas” (ARROYO, 2019).

Uma questão deve nos alertar quando estamos debruçando-nos sobre os movimentos sociais. Tal alerta reside no entendimento de que certamente existem movimentos sociais que operam fundamentalmente a partir dos interesses das classes dominantes (RIBEIRO, 2013; GONH, 2014). No Brasil, tal fato parece ter se tornado mais evidente a partir das manifestações de junho ocorridas em 2013, onde operou-se os primeiros ensaios da “onda verde-amarela” que foram-se insurgindo contra a democracia. Dessa forma, poderíamos perguntar-nos: a “onda verde-amarela” de extrema-direita que foi ganhando corpo nas ruas das capitais brasileiras não seria uma manifestação inatacável de movimentos sociais que operam a partir do ponto de vista do capital? Tais movimentos sociais não despontaram de forma ainda mais radicalizada na sociedade brasileira como sujeitos pedagógicos que protagonizam uma formação política conservadora/reacionária? Com efeito, a problemática da formação política não pode ser abordada tão somente como um atributo pertencente unicamente aos setores populares organizados em movimentos. Trata-se, isso sim, de compreendermos os movimentos sociais *no terreno da materialidade contraditória* do sistema do capital que acaba por colocar em perspectiva dois tipos de formação política conflitantes. Enquanto a formação política dos movimentos organizados pelos setores populares reveste-se de potencialidades civilizatórias – com impactos positivos para toda a humanidade – a formação política dos setores reacionários/conservadores, por seu turno, nutre-se de elementos próprios da barbárie. A questão de fundo que então atravessa significativamente esse segundo tipo de práxis é, efetivamente, o problema referente ao *permanente empobrecimento humano em todas as dimensões de sua existência*, incluídos aí os aspectos materiais e intelectuais/culturais. Com efeito, no interior dessa materialidade atravessada por antagonismos irreconciliáveis não há evidentemente práticas sociais despolitizadas, como parece acreditar Fernandes (2019)⁸.

3. FORMAÇÃO POLÍTICA: UM DIÁLOGO COM OS AUTORES

⁸ Fernandes (2019) discorre sobre os sintomas mórbidos que, segundo a autora, passaram a ameaçar a esquerda, sobretudo a partir das manifestações de junho de 2013. Nesse período, a esquerda foi bastante hostilizada nas ruas. A noção de sintomas mórbidos a autora tomou emprestada do pensador italiano marxista Antônio Gramsci. Fernandes (2019) trabalha de forma bastante ambígua com as noções politização e despolitização. A autora chega a afirmar, por exemplo, que o PT despolitizou a classe trabalhadora ao adotar em sua prática política valores neoliberais (FERNANDES, 2019, p. 25). A nosso ver, aqui não reside nenhum tipo de despolitização, mas, isto sim, de uma prática política de um partido que acabou sendo colonizado pelas políticas neoliberais. Dessa forma, acabou contribuindo para uma politização da classe trabalhadora através de um quadro de referência totalmente nefasto ao desenvolvimento da consciência de classe tal como preconizada pelo marxismo.

Pontuamos logo no início deste trabalho que o tema da formação política passou a ser destacado mais fortemente em função das desumanidades agravadas pela crise estrutural do capital que se inicia na década de 1970.

No Brasil, o tema da formação política nunca saiu de cena. No entanto, parece ser inegável que a temática em tela ganhou novos contornos no contexto de implementação das políticas neoliberais abraçadas acriticamente na década de 1990 por governos abertamente capturados pelo imperialismo norte-americano, com destaque para os governos Fernando Collor (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003).

Severino (1996) situa a questão da formação política no interior das principais tarefas que devem lastrear a educação universitária. Na argumentação do autor, uma sólida formação científica não pode prescindir de forma alguma de uma sólida formação política. O autor argumenta que a formação política deve ser destacada porque o que está em jogo quando pensamos o papel da universidade na formação das novas gerações é o próprio quadro de referência que deve orientar o projeto civilizatório brasileiro. Cabe à universidade, então

[...] desenvolver a formação política, mediante uma conscientização crítica dos aspectos políticos econômicos e sociais da realidade histórica em que ela se encontra inserida. A educação superior enfrenta esta questão fundamental: Formar politicamente uma juventude pela criação de uma nova consciência social capaz de mobilizá-la não só para uma atuação concreta e uma participação política no processo histórico real mas também para um compromisso mais radical de se construir um novo modelo de civilização humana para o Brasil (SEVERINO, 1996, p. 17).

Demo (1996) também localiza a formação política no interior das grandes tarefas da educação no que tange o seu potencial para fomentar a participação política em termos de cidadania. Isso porque, no Brasil, o que o autor denomina de pedagogismo, a visão segundo a qual o treinamento levaria a criar os empregos respectivos, foi totalmente desmentido pela prática. Daí a importância de uma educação que fomente a participação política. Nas palavras do autor:

Na verdade, uma educação que não leve à participação política já nisto é deseducação, porque consagra estruturas impositivas e imperialistas, transformando o educador manipulador em figura central do fenômeno, em vez de elevar o educando a centro de referência. [...] A formação da cidadania é um processo lento e profundo, que leva gerações. Planta-se uma geração, não uma prede ou pátio (DEMO, 1996, p. 53).

Iasi (2011) entende a educação popular como formação política. O autor reflete sobre consciência e metodologia da educação popular a partir da sua experiência no Núcleo de

Educação Popular 13 de Maio, formado em 1982. Em termos metodológicos, Iasi (2011) assinala as tensões em torno das tendências “basistas” e “conteudistas” presentes na educação popular. Como proceder no trabalho de educação popular? Partir da realidade imediata das classes populares (das bases) ou do conhecimento historicamente acumulado (conteúdo)? Iasi (2011) entende que nessa pergunta reside uma falsa polêmica. Dito isto, o autor argumenta que a superação dessa dicotomia só pode ser superada através do método dialético que entende o imediato e o histórico articulados. Com efeito, no interior da educação popular tais aspectos constituem partes de um mesmo processo os quais devem estar prioritariamente subordinados à organização popular.

Em Peloso (2012), a formação política encontra-se entrelaçada com o trabalho de base. O trabalho de base é uma intervenção totalizadora no processo de organização popular. Dessa forma, reconhece a importância dos aspectos objetivos e subjetivos. Em Peloso (2012):

O trabalho de base é ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular, que mete o corpo em uma realidade concreta, para despertar, organizar o povo na solução de problemas do cotidiano e ligar essa luta à luta geral da opressão (p. 10).

Ressalte-se que o trabalho de base voltou a fazer parte do vocabulário das esquerdas no Brasil, sobretudo posteriormente às manifestações de junho de 2013 que tomaram conta de várias cidades brasileiras questionando os gastos com a Copa do Mundo de 2014 (FERNANDES, 2019). No interior de tais manifestações, as organizações e partidos de esquerda foram significativamente rechaçados e deslegitimados.

Bogo (2011) reflete sobre a organização política e a formação de quadros no interior dos desafios político-organizativos que emergiram a partir da queda do muro de Berlim em 1989 e o conseqüente malogro do chamado bloco socialista no Leste da Europa. Nesse momento, segundo o autor, muitos lutadores e intelectuais bateram em retirada das frentes de batalha. Um dos desafios da formação política, segundo o autor, é “[...] como resolver a questão entre o conhecimento ‘empírico’ e o conhecimento científico no seio das lutas dos movimentos sociais” (BOGO, 2011, p. 182). Tal desafio implica também pensar inevitavelmente o papel da escola nesse processo, sobretudo frente a uma realidade em que a educação formal ainda é um direito social negado a muitos trabalhadores.

Leher (2010) elenca uma série de iniciativas que vêm sendo realizadas nas periferias das grandes metrópoles brasileiras. Tais iniciativas atestam cabalmente o interesse das classes populares, em especial a juventude proletária, pela questão da formação política. Iniciativas

essas protagonizadas por diversos coletivos dos setores oriundos das classes populares. Na esteira dos autores citados anteriormente, Leher (2010) também compreende a educação popular como formação política e a situa no campo da estratégia política de cunho socialista.

Nas palavras do autor:

Nas periferias das grandes metrópoles, têm surgido diversas organizações reunindo a juventude de caráter (algo difuso) classista: são cursinhos comunitários, organizações de hip-hop, de mulheres, de meio ambiente, partidos, entre outras, que têm colocado o problema da formação como central (LEHER, 2010, p. 30).

Leher (2010) fornece-nos nesse sentido uma pista importante para pensarmos os desafios da formação política que devem ser enfrentados em permanente diálogo com os movimentos sociais populares que atuam nas periferias das grandes cidades. Isso porque nas periferias a luta pelas condições materiais de existência assume certamente mais radicalidade.

4. FORMAÇÃO POLÍTICA COMO TOTALIDADE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES

Por totalidade compreendemos as múltiplas determinações que conformam um determinado fenômeno. Totalidade concebida como o conjunto das circunstâncias lastreadas por condições objetivas e subjetivas. “A totalidade não é um tipo-ideal, modelo independentizado do objeto para em seguida explicá-lo. Ela também não é um universal abstrato que se contraponha aos particulares como uma essência platônica” (CURY, 1995, p. 36).

Para que possamos compreender a formação política como um fenômeno mais rico e, conseqüentemente, mais totalizador; como um fenômeno atravessado por múltiplas determinações, e que, por isso mesmo, não se restringe tão somente àqueles momentos de estudos teóricos que são organizados pela militância no interior dos movimentos sociais populares; para que possamos, em suma, relativizar o “princípio educativo” da formação política assentado no “poder da palavra” somos provocados então a apresentar mesmo que brevemente os fundamentos que em alguma medida embasam nossa concepção de formação política como sendo um fenômeno mais totalizante.

Neste estudo estamos trabalhando com um significado de educação mais abrangente. Como tal, nossa reflexão gira fundamentalmente em torno da educação compreendida como formação humana. Com efeito, entendemos que as contribuições do método do materialismo dialético, desenvolvido por Marx e Engels, são de extrema importância para iluminar os objetivos, que ora nos propomos. Retemos desse método um princípio

fundamental: que o desenvolvimento da consciência se encontra vinculado intimamente à produção da vida material. Dessa forma, segundo pensamos, toda concepção de pedagogia deve estar atenta a essa questão nuclear mais de fundo e, na medida do possível, tirar daí todas as consequências.

Segundo Marx e Engels (2007):

O primeiro ato histórico é, pois, a produção [...] da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos [...] A primeira coisa a fazer em qualquer concepção histórica é, portanto, observar esse fato fundamental em toda a sua significação e em todo o seu alcance e a ele fazer justiça (p. 33).

Através das contribuições do materialismo dialético podemos compreender então “que as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias” (MARX & ENGELS, 2007). Estamos diante de um princípio fundamental da formação humana indicando-nos que a práxis carrega um princípio educativo imanente.

O educador Miguel Arroyo apropriou-se de forma muito interessante desse princípio fundamental do materialismo dialético. Esse ilustre educador situa a problemática da produção material da existência no terreno das preocupações da pedagogia. De acordo com Arroyo (2013), a pedagogia é a ciência da formação humana. Na concepção pedagógica de Arroyo (2013), a produção material da existência desponta então como princípio pedagógico fundamental. Quando mediada pelos movimentos sociais populares – considerados por Arroyo (2012) sujeitos pedagógicos que desenvolvem pedagogias de humanização/libertação frente às pedagogias de subalternização/desumanização – a produção material da existência assume um caráter libertador e emancipatório. Com efeito, em Arroyo (2013), o poder da palavra deve ser relativizado, de tal forma que educação e trabalho intelectual apresentam dinâmicas específicas.

Nas palavras deste educador brasileiro:

Começemos por aquela resposta que coloca a ação educativa na inculcação. Sabemos que pertencemos a uma tradição filosófico-religiosa que acredita que a formação do ser humano acontece por inculcação e transmissão de ideias, saberes e valores. Quando nos colocamos a questão de como acontece a educação, a resposta tem sido: pela palavra. O verbo, a palavra criou o mundo e pensamos que cria e conforma os seres humanos. Deus disse e tudo foi sendo criado. O professor, o catequista ou os pais dizem suas lições e conselhos e as crianças vão se formando. Na palavra estão as virtualidades formadoras. O domínio dessa tradição tem sido quase absoluto na pedagogia, não apenas na escola. Também na educação popular e na educação política, o ideal tem sido conscientizar e politizar pela palavra, pelo discurso, pela denúncia. Será que como intelectuais e profissionais do conhecimento e das ideias pensamos que a educação se produz na mesma dinâmica do trabalho intelectual? (ARROYO, 2013, p.158).

5. DIALOGANDO COM ALGUNS RELATOS DE MILITANTES EM MOVIMENTO DO TERRITÓRIO SERRINHA – RELATOS E ANÁLISES

Os relatos que se seguem constituem *falas-atos*⁹ de militantes potencialmente revolucionários pertencentes fundamentalmente à classe trabalhadora diversa. Os militantes em questão serão chamados de *M1*, *M2*, *M3* e *M4*. Trata-se de sujeitos coletivos que decidiram lutar organizadamente pelas suas condições materiais de existência e no interior desse processo vêm assimilando ativamente importantes aprendizados políticos.

Os relatos que se seguem foram colhidos no intervalo dos primeiros cinco meses de 2021¹⁰. O procedimento adotado foram as entrevistas semiestruturadas. Igualmente importante foram as conversas informais surgidas no interior de reuniões. Tratam-se de relatos de militantes que realizam sucintas análises acerca de suas experiências no interior de dois movimentos sociais populares com atuação no território Serrinha. Trata-se da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE) e do Movimento Círculos Populares.

Análises tão sucintas que parecem simples de tão condensadas quanto as frases curtas, as orações diretas com que expressam suas leituras de mundo e de seu viver. Outras linguagens porque outras formas de leitura, de pensar aprendidas em formas tão essenciais de viver. Leituras, linguagens em perfeita concordância com suas experiências sociais e coletivas (ARROYO, 2012, p. 222).

M1 foi um dos fundadores da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE). O militante em questão destaca o papel pedagógico da *luta prática reivindicatória*. Podemos afirmar que a luta reivindicatória se insere na luta por direitos, notadamente quando os trabalhadores de forma organizada passam a exigir políticas sociais que permitam a reprodução social da classe trabalhadora através de serviços como educação, saúde e moradia.

M1 foi também um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). O mesmo mantém-se ainda hoje ativo na Associação, exercendo o cargo de vice-presidente da entidade. Na década de 1970, esse militante, já havia participado assiduamente de várias iniciativas

⁹ Ressalte-se que as falas foram reproduzidas na íntegra, sem “correção”. Com isso buscamos evidenciar o *jeito de falar* dos sujeitos.

¹⁰ No momento em que os militantes discorriam sobre suas experiências percebemos um misto de indignação e alegria nos relatos. Nesse sentido, tudo leva a crer que os movimentos sociais populares também podem incutir nos sujeitos a alegria cultural tal como formulada por Snyders (2005). Para esse educador, a alegria cultural diz respeito àquele tipo de consciência que se insurge contra tudo o que é desumano. Snyders (2005) atribui principalmente à escola a tarefa de promover a alegria cultural através de uma política escolar que permita os estudantes estabelecerem contato com as obras clássicas.

organizadas pela igreja católica num contexto em que essa instituição se encontrava ainda bastante influenciada pelo ideário do que se convencionou denominar de teologia da libertação. O princípio de tal teologia baseava-se fundamentalmente na opção pelos pobres e no compromisso cristão comprometido com as lutas de libertação do jugo imperialista na América Latina.¹¹

Atualmente, além de compor a diretoria da AMORBASE, o sujeito político em questão é presidente do Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba. Fundado em 1995, a principal reivindicação do Pró-Parque é a urbanização da lagoa de Itaperaoba, localizada no bairro Serrinha.

Sobre a luta reivindicatória, *M1* afirma:

Quando a gente começou a nossa militância aqui na Associação de moradores a gente tinha pouca experiência de luta, né... então a gente foi... nós fomos forjados na luta prática; reivindicatória, dentro dessa luta puxada pela associação.

Nas reflexões de Sampaio (2004), a luta reivindicatória se encontra intimamente vinculada à construção do poder popular. Sampaio (2004) não discorre sobre o que seria o poder popular. Podemos dizer então que o poder popular pode ser compreendido como um momento qualitativo da luta de classes, notadamente quando os trabalhadores conscientes dos seus direitos se apresentam como força política organizada frente ao poder da classe dominante. O poder popular relaciona-se desse modo à questão da dualidade de poderes (COUTINHO, 1985).

M2 reside no bairro da Serrinha. É uma destacada catadora de material reciclável. A militante atua a quase 30 anos no trabalho de catação. No seu relato destaca-se um aprendizado político radical. *M2* é presidenta da Associação de Catadoras Mulheres de Luta em Cena, fundada em 2018, no território Serrinha. Tal aprendizado foi possível graças à realização de uma caminhada organizada em setembro de 2020 pela AMORBASE. A caminhada se dirigiu à Secretaria Regional VIII objetivando apresentar uma plataforma de reivindicações visando melhorias para o território. Ressalte-se que grande parte dos sujeitos que participaram dessa atividade era oriunda do movimento de catadores de material reciclável. Dentre as demandas mencionadas na plataforma, constava a reforma de um Ecoponto¹², pauta reivindicada pela Associação de Mulheres de Luta em Cena. Sobre o aprendizado político, *M2* comenta:

¹¹ No Brasil, destacamos os nomes de Leonardo Boff e Frei Beto, que constituem a velha guarda da teologia da libertação.

¹² Os Ecopontos são centros de reciclagem. Esses equipamentos foram construídos pela prefeitura municipal de Fortaleza na gestão do prefeito Roberto Cláudio (2013-2021), conformando parte da política ambiental adotada pelo município desde então. O movimento dos catadores organizados contesta duramente tal política. Esses

Até num tempo pra cá eu tava... sem noção... sem ter experiência, né? Devido a experiência que entrou política, que entrou tudo, que aí eu fui analisando... fui analisando... aí eu vi que há necessidade muito grande, precisa de política.

M2 passa então a caracterizar mais concretamente a experiência em questão:

Aquela experiência da... foi... foi lá, que foi que nós fizemos a caminhada, a caminhada lá pra prefeitura, que nós começamos... eu ali dentro mesmo da prefeitura... eu analisei. Aquela atividade me despertou porque a gente tinha que ter política dentro [...]. Pra mode a gente conseguir alguma coisa a gente tem que ir em luta.

A partir do relato supra é possível identificar que a caminhada organizada pela AMORBASE proporcionou um aprendizado político mais de fundo, deslocando significativamente o sentido dominante da chamada questão social. Em outras palavras, estamos diante da política compreendida fundamentalmente como ação direta organizada autonomamente pelos trabalhadores.

Nas palavras de Arroyo (2012):

Nesses confrontos, os movimentos sociais radicalizam a questão social para além das clássicas correções de desigualdades, de programas compensatórios, de carências nutricionais, educativas, de saúde, e até da erradicação da miséria, de aumento de salário mínimo ou de qualificação para o trabalho (p. 286).

No dia 29 de maio de 2021, naquilo que ficou conhecido como *29M*, foram organizadas em várias cidades brasileiras diversas manifestações contra o governo do presidente Jair Bolsonaro sob o lema: “Vacina no braço e comida no prato”. Tais manifestações foram fundamentalmente protagonizadas por movimentos sociais populares e sindicatos pertencentes à classe trabalhadora.

Em uma reunião do Movimento Círculos Populares, realizada poucos dias após a manifestação, houve uma breve avaliação sobre a importância da participação dos Círculos no *29M*. Na ocasião, algumas mulheres militantes do Movimento manifestaram suas impressões destacando importantes aprendizados políticos para a luta social, notadamente o aprendizado da força popular. Num primeiro relato, uma delas, *M3*, destaca:

Não temos o poder do dinheiro, mas temos o poder do povo.

trabalhadores se sentem prejudicados em seu trabalho de catação, uma vez que a indústria da reciclagem acaba controlando a política ambiental de Fortaleza. A capital cearense conta atualmente com mais de 23 Ecopontos.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 26	Julho - Agosto 2022	p. 94 - 110
--------------------------	--------	-------	---------------------	-------------

Noutro relato, outra militante, M4, nos informa:

A gente não pode ficar calado [...]. Eu era uma das pessoas que tinha muito medo de participar dessas coisas assim, de manifestação, de debater, de falar... Hoje em dia, não; hoje em dia eu falo, eu debato, porque a gente tá exigindo uma coisa que é por direito nosso... né...? Que é a vacina, que é a comida no prato, que é as escola, que é a saúde. Então, a pessoa não pode ficar em casa calado, não pode mais se calar.

Os relatos, atos-falas de resistência, anteriormente apresentados, são decididamente reveladores de que a formação política nos movimentos sociais populares se apresenta como um fenômeno ricamente mais abrangente dada a radicalidade das circunstâncias construídas por tal práxis que acabam por contribuir efetivamente para o desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores. A formação política não é absolutamente um estado psicológico, mas, isto sim, uma práxis. Esta, por sua vez, conforma significativamente um compromisso prático dos sujeitos com o amplo processo de lutas sociais empreendidas pelo proletariado diversificado. Nos movimentos sociais populares, enquanto “movimentos pedagógicos totais” – totais no sentido de que a *totalidade* das atividades são potencialmente explosivas em termos de formação política – podemos destacar um princípio pedagógico fundamental: “cada nova situação vivida e padecida leva a novas indagações, novas aprendizagens” (ARROYO, 2012, p. 220). Com efeito, restringir a formação política tão somente àqueles momentos de estudos teóricos, onde o que está em jogo é a crença na força mediadora do poder da palavra, é não atentarmos para as questões mais de fundo que incidem mais profundamente na formação dos sujeitos militantes. É aí que se revela a luta de classes sustentando mais radicalmente as bases da formação da “consciência para si” que não espera pela chegada da pedagogia do futuro (que nunca chega) repetida à exaustão pela escola das classes dominantes.

Como destaca Arroyo (2012):

Um traço que persiste desse mito é que a história humana a ser reconhecível de alguém como gente começa com a escolarização, com o letramento. Antes a inexistência humana, racional, civilizada. É significativo que a história da educação nas sociedades colonizadas comece com os catecismos, as escolas jesuíticas. Como a história da humanização das classes subordinadas é pensada começando com a chegada da escola indígena, quilombola, do campo ou da favela pacificada. Na empreitada colonizadora fora do catecismo não haverá salvação, na empreitada democrática fora da escola não será reconhecido o estatuto da humanização (p. 197).

De tudo o que foi dito até aqui arriscamos encaminhar a seguinte reflexão: como educadores-militantes, comprometidos que somos com os processos de libertação/emancipação que tanto marcam os movimentos sociais populares, não podemos simplesmente afirmar que a

formação política é um ingrediente indispensável à luta dos movimentos sociais populares. Isso é muito e, ao mesmo tempo, é pouco. Continuemos afirmando a importância da formação política! Contudo, precisamos refletir mais pormenorizadamente sobre como se manifesta o pedagógico no amplo processo de formação política dos sujeitos que participam dos coletivos em movimento. Aqui parece residir um ponto de partida mais de fundo caso queiramos encaminhar efetivamente um programa de formação política mais radical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos refletir sucintamente sobre a formação política nos movimentos sociais populares a partir de nossa pesquisa bibliográfica em diálogo com relatos de sujeitos militantes que atuam na Associação de Moradores do Bairro Serrinha (AMORBASE) e no Movimento Círculos Populares, ambos coletivos com atuação no território Serrinha. A nosso ver, os movimentos sociais populares são sujeitos pedagógicos que têm o potencial de radicalizarem os processos de emancipação e libertação uma vez que expressam as questões mais de fundo da luta pela produção material da existência. Nesse sentido, impulsionam um tipo de formação política ampla dada a riqueza de circunstâncias (pense-se nas místicas, nas caminhadas, nas ocupações, nas palavras de ordem, na simbologia, dentre outras) que vão conformando a luta popular. O trabalho foi fundamentado nos pressupostos do método do materialismo histórico dialético, com destaque para a dialética objetividade/subjetividade presente na luta pela produção material da existência. Na crise estrutural do capital, o aprofundamento das desumanidades produzidas pelo sistema produtor de mercadorias passou a provocar mais intensamente os movimentos sociais populares a radicalizarem o entendimento sobre a formação política. Como “movimentos pedagógicos totais” informam as múltiplas determinações que atuam no processo de formação política dos sujeitos que participam desses coletivos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Trabalho-Educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Vidas ameaçadas**: exigências-respostas éticas da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BOGO, Ademar. **Organização política e política de quadros**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Dualidade de poderes**: Estado e revolução do pensamento marxista. 2. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**. Elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

GONH, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HOBSBAWN, Eric. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre a História Operária. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

IASI, Mauro. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LEHER, Roberto. Educação Popular como Estratégia Política. In: EDINEIDE, Jezine; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. (Orgs.). **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

PELOSO, Ranulfo (org.). **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação**: liberdade, autonomia, emancipação: princípio/fins da formação humana. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. **Construindo o poder popular**: as seis condições de vitória das reivindicações populares. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. São Paulo: Centauro, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUSA JÚNIOR, Justino de. **Marx e a crítica da educação**: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.